



NOTA TÉCNICA 12

Identidades políticas em um aplicativo de relacionamentos

Carolinne Pinheiro, Márcio Moretto Ribeiro e Pablo Ortellado

18 de Setembro de 2020

Resumo: *A pesquisa investigou a presença de marcas de identidade política em um grande aplicativo de relacionamentos. Estudos anteriores e evidências anedóticas sugeriam que, no ambiente polarizado, homens e mulheres estavam buscando parceiros com as mesmas identidades políticas. Para verificar a existência e a amplitude deste fenômeno recolhemos dados de perfis de 18 a 54 anos da cidade de São Paulo em um grande aplicativo de relacionamentos buscando marcas de identidade política, sejam elas positivas (afirmação da própria identidade) ou negativas (rejeição a identidades adversárias). Separamos essas marcas de identidade por sexo, por idade e por bairro. Os dados foram recolhidos de maneira anônima e são apresentados de forma desindividualizada e agregada. Os resultados mostram que cerca de 1 em cada 15 usuários do aplicativo em bairros centrais de São Paulo apresenta marcas de identidade política no perfil. A ocorrência dessas marcas de identidade acontece com muito menos frequência – quase a metade – em bairros periféricos. As marcas de identidade são muito maiores entre pessoas de esquerda do que entre pessoas de direita, um pouco maiores entre mulheres do que em homens e menos frequentes a partir dos 45 anos.*

É um fato bastante conhecido na literatura que pares em relacionamentos afetivos tendem a apresentar um alto grau de afinidade política [Laura and Kent, 2005, Alford et al., 2011, Eaves and Hatemi, 2011]. A virada nos estudos sobre polarização política, que passou a enfatizar a dimensão afetiva, também sugeria que a hostilidade entre quem adota identidades políticas adversárias estava impactando a formação de relacionamentos amorosos [Iyengar et al., 2019]. Evidências anedóticas recolhidas pelo jornalismo indicavam, por fim, que o ambiente de polarização política no Brasil estava levando homens e mulheres, dos dois lados do espectro político, a procurarem pares politicamente alinhados¹.

A partir desses indícios resolvemos investigar se perfis em um grande aplicativo de relacionamentos estavam adotando marcas de identidade política para sinalizar para parceiros potenciais que apenas aqueles politicamente alinhados poderiam ser correspondidos. Buscamos determinar o quão frequentes eram essas marcas de identidade e se essa frequência variava de acordo com bairro, sexo, idade e orientação política.

Para capturar os dados, foram criados oito perfis, quatro de cada sexo. Um perfil de 24 anos, apelando para perfis do sexo oposto de 18 a 28 anos; um perfil de 32 anos, apelando para perfis do sexo oposto de 28 a 36 anos; um perfil de 40 anos, apelando para perfis do sexo oposto de 36 a 44 anos; e um perfil de 48 anos, apelando para perfis do sexo oposto de 44 a 54 anos.

Esses perfis foram primeiro geolocalizados em quatro regiões de São Paulo. Duas dessas regiões estavam no centro expandido da cidade, uma conhecida por ser mais progressista (Vila Madalena/Pinheiros) e outra por ser um pouco mais conservadora (Itaim Bibi); outras duas estavam na periferia da cidade, uma na zona sul (Capão Redondo) e outra na zona leste (São Miguel Paulista). Entre os dias 14 de julho e 8 de agosto, recolhemos dados de mil usuários de cada sexo em cada intervalo de idade (18-24, 25-34, 35-44 e 45-54), em cada região, totalizando 32 mil perfis. Em uma coleta posterior, entre os dias 1 e 10 de agosto, recolhemos outros mil usuários de cada intervalo de idade e de cada sexo em outros dois bairros, um com alta votação em Jair Bolsonaro no primeiro turno das eleições de 2018 (Santana) e outro com alta votação em Fernando Haddad (Grajaú), totalizando 16 mil usuários. Dessa forma, nossa análise abrange 48 mil perfis.

Classificamos manualmente os textos descritivos de todos os perfis com o objetivo de determinar a frequência das marcas de identidade política, sejam elas positivas (afirmando a própria identidade política) ou negativas (rechaçando a identidade política adversária) e se variavam de acordo com a orientação (esquerda/ anti-Bolsonaro, de um lado e direita/ pró-Bolsonaro/ anti-PT, de outro) e em relação a sexo, idade e bairro. As marcas eram de fácil classificação entre esquerda e direita, fazendo alusão ao próprio campo (“Ele Sim”, “B17”, “Lula Livre”) ou ao campo adversário (“Ele Não”, “Fora Bolsonaro”, “Lula Não”).

	Vila Madalena/ Pinheiros		Itaim Bibi		Capão Redondo		São Miguel Paulista		Santana		Grajaú	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
18-24	6,3%	7,6%	5,7%	5,6%	3,5%	4,8%	2,7%	4,1%	5,2%	6,1%	4,3%	5,6%
25-34	6,4%	7,2%	5,7%	5,8%	3,8%	4,7%	3,4%	4,0%	5,6%	5,9%	4,5%	5,2%
35-44	6,5%	8,5%	5,6%	6,0%	4,0%	4,0%	3,5%	3,9%	5,5%	6,1%	4,0%	4,5%
45-54	5,4%	7,1%	4,3%	4,5%	3,1%	3,9%	3,6%	3,8%	4,1%	4,7%	4,4%	5,1%

Tabela 1: Marcas de identidade política por bairro, idade e sexo

¹’Bolsolteiros’ reúne no Facebook apenas seguidores de Bolsonaro interessados em paquerar. Jornal Extra, 12/02/2019; Sexo em tempos de PTinder. Revista IstoÉ, 4/10/2019.

	Vila Madalena/ Pinheiros		Itaim Bibi		Capão Redondo		São Miguel Paulista		Santana		Grajaú	
	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.
18-24	6,8%	0,1%	4,7%	0,8%	3,5%	0,5%	2,8%	0,4%	3,9%	1,7%	4,6%	0,3%
25-34	7,3%	0,1%	5,2%	0,6%	4,1%	0,3%	3,5%	0,4%	4,9%	1,0%	4,7%	0,1%
35-44	7,4%	0,2%	4,8%	0,6%	3,9%	0,2%	3,6%	0,3%	4,6%	0,8%	3,9%	0,3%
45-54	6,2%	0,1%	4,4%	0,4%	3,7%	0,2%	3,4%	0,3%	4,0%	0,8%	4,2%	0,5%

Tabela 2: Marcas de identidade política por bairro, idade e orientação política

Os resultados mais expressivos foram dois. O primeiro é que as marcas de identidade política são quase duas vezes mais frequentes nos bairros centrais do que nos bairros periféricos. O segundo é que as marcas de identidade política da direita são muito menos frequentes do que aquelas da esquerda.

Não chega a ser surpreendente que os bairros centrais tenham mais marcas de identidade, já que o engajamento político normalmente cresce com a escolaridade e os habitantes desses bairros centrais têm mais escolaridade. Mesmo nos bairros periféricos que tiveram votações mais marcadas nas eleições de 2018, seja em Bolsonaro, seja em Haddad, as marcas de identidade ainda são significativamente menores do que na Vila Madalena.

O que foi bastante surpreendente é que as marcas de identidade de esquerda foram muito mais frequentes do que as de direita – em alguns casos, mais de setenta vezes. Isso parece explicar o fato da identidade política ser, por exemplo, mais frequente na Vila Madalena do que no Itaim Bibi. Mesmo em Santana, o bairro em que Bolsonaro teve mais votos no primeiro turno das eleições de 2018, as marcas de identidade política de esquerda são cinco vezes mais frequentes do que as de direita.

Como os índices de apoio e de rejeição ao governo Bolsonaro no período da nossa coleta estavam equilibrados, não conseguimos explicar a enorme diferença das marcas de identidade pela conjuntura política. A explicação mais simples parece ser a de que as pessoas de esquerda (ou com identidade anti-Bolsonaro) rejeitam mais se relacionar com apoiadores do presidente do que o contrário. Mas pode ser apenas que as pessoas de esquerda/ anti-bolsonaristas explicitam mais essa decisão e que os bolsonaristas, embora possam ter um nível alto de rejeição de pessoas com a identidade adversária, não ostentam essa decisão nos seus perfis. Por fim, pode ser que bolsonaristas, que são geralmente mais conservadores, simplesmente utilizem menos aplicativos de relacionamentos do que pessoas mais progressistas.

Em todos os bairros e faixas de idade, as mulheres incluíram mais marcas de identidades políticas do que os homens. Outros estudos [Tyson et al., 2016] mostraram que mulheres em aplicativos de relacionamento são muito mais seletivas do que os homens e, portanto, na qualidade de quem dá a palavra final para estabelecer a correspondência (o “match”) pode ser que elas precisem explicitar mais seus critérios de seleção.

Em todos os bairros, menos o Grajaú, e nos dois sexos, as pessoas com mais de 45 anos tiveram menos marcas de identidade do que os mais jovens. Esse é o resultado mais surpreendente, já que diversos estudos têm mostrado que as pessoas mais velhas são mais polarizadas [Boxell et al., 2017, Brashier and Schacter, 2020, Moretto and Ortellado, 2018]. Pode ser que a polarização afetiva seja um pouco menor entre os mais velhos paulistanos, mas pode ser também que os usuários mais velhos no aplicativo, por serem muito atípicos, sejam uma amostra muito distorcida das pessoas mais velhas na sociedade.

Embora a presença de marcas de identidade política seja pequena (7 ou 8 por cento dos

usuários no bairro no qual o fenômeno é mais marcado), ela talvez seja apenas indicativa de um fenômeno mais amplo. Pode ser que muito mais usuários se recusem a estabelecer relações sexuais e afetivas com parceiros com identidades adversárias, mas não tenham explicitado isso no perfil. Isso estaria de acordo com outros estudos internacionais sobre aplicativos de relacionamentos [Huber and Malhotra, 2017, Klofstad et al., 2013] que mostraram que, em relacionamentos amorosos, a homofilia política é tão marcante quanto a homofilia educacional, religiosa e racial.

Referências

- [Alford et al., 2011] Alford, J. R., Hatemi, P. K., Hibbing, J. R., Martin, N. G., and Eaves, L. J. (2011). The politics of mate choice. *The Journal of Politics*, 73(2):362–379.
- [Boxell et al., 2017] Boxell, L., Gentzkow, M., and Shapiro, J. M. (2017). Greater internet use is not associated with faster growth in political polarization among us demographic groups. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 114(40):10612–10617.
- [Brashier and Schacter, 2020] Brashier, N. M. and Schacter, D. L. (2020). Aging in an era of fake news. *Current Directions in Psychological Science*, 29(3):316–323.
- [Eaves and Hatemi, 2011] Eaves, L. J. and Hatemi, P. K. (2011). Do we choose our spouse based on our in-laws? Resolving the effects of family background and spousal choice for educational attainment, religious practice, and political preference. *Social Science Quarterly*, 92(5):1253–1278.
- [Huber and Malhotra, 2017] Huber, G. A. and Malhotra, N. (2017). Political homophily in social relationships: Evidence from online dating behavior. *The Journal of Politics*, 79(1):269–283.
- [Iyengar et al., 2019] Iyengar, S., Lelkes, Y., Levendusky, M., Malhotra, N., and Westwood, S. J. (2019). The origins and consequences of affective polarization in the united states. *Annual Review of Political Science*, 22:129–146.
- [Klofstad et al., 2013] Klofstad, C. A., McDermott, R., and Hatemi, P. K. (2013). The dating preferences of liberals and conservatives. *Political Behavior*, 35(3):519–538.
- [Laura and Kent, 2005] Laura, S. and Kent, J. M. (2005). Political similarity and influence between husbands and wives. In *The Social Logic of Politics: Personal Networks as Contexts for Political Behavior*, pages 51–74, Philadelphia. Temple University Press.
- [Moretto and Ortellado, 2018] Moretto, M. and Ortellado, P. (2018). Nota técnica #01 – mais velhos, mais polarizados. Disponível em <https://www.monitordigital.org/2018/03/12/nota-tenica-01/>.
- [Tyson et al., 2016] Tyson, G., Perta, V. C., Haddadi, H., and Seto, M. C. (2016). A first look at user activity on tinder. In *2016 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining (ASONAM)*, pages 461–466. IEEE.